

TERRITÓRIO DA COMUNIDADE TRAVESTI NO CENTRO DE TERESINA-PI

THIAGO EMANOEL VASCONCELOS DE ARAÚJO

E-mail: tthyagovasconcellos@hotmail.com

MARIANA COSTA VIEIRA

E-mail: mariana-costa64@hotmail.com

RESUMO

O debate sobre o território foi retomado com a importância que de fato merece e se caracteriza como objetivo de estudo da Geografia. Para a ciência geográfica o tema território vem se destacando não pelo seu significado, mas pela sua relevância com o meio de convivência para os seres humanos, além de ser relevante à identificação dos territórios das diferentes comunidades. O território não está ligado somente ao poder político, está ligado também a poder simbólico de apropriação. A prostituição é um ato social da minoria excluída perante a sociedade, sem oportunidade. As travestis ao entardecer são vistas nas ruas do centro de Teresina para mais uma noite de trabalho, e é fácil identificar os espaços construídos pelas mesmas ao longo dos anos. Qual a importância e quais os reais motivos levaram essas profissionais a escolherem esses territórios?

Palavras-chave: Território. Prostituição. Travestis

ABSTRACT

The debate on the subject was reevaluated with importance indeed and deserved prominence as the objective of the study of geography. Geographic science in the main context has not founding meaning, but also it's standard basis of knowledge has not been it's meaning, but also it's standard with the means of convincing in humans, beyond to sitial identity the identity of different communities represent. The territory is not at least in political power, it is also linked to a symbolic power of appropriation. Prostitution is a social rigt of society, excluding a society, witout opportunity. Evening transvestites are seen on te streets of downtown Teresina for a working night, and are easier to build over the years. Wat is the importance and why are professionals choosing these territories?

Keywords: Territory, Prostitution, Transvestites, Teresina-PI

1. INTRODUÇÃO

Etimologicamente a palavra território vem do latim, que significa pedaço de terra apropriado. Essa terra é de estreita importância, por ser uma fragmentação do espaço onde se constroem relações tanto de base material quanto de identidade.

O conceito de território tem ganhado grande importância especialmente a partir da década de 1960, quando aparecem as primeiras abordagens mais específicas e cientificamente sistematizadas sobre o tema. Ganhando abordagens diversas, desde a Biologia, mostrando o território animal; passando pela Sociologia, abordando especialmente sua construção a partir de

relações sociais; pela Antropologia, destacando sua dimensão simbólica a partir do estudo de comunidades tradicionais, pela Ciência política, destacando o território estatal; pela Economia, situando-o como base da produção; e pela Psicologia que adiciona os fatores abstratos da busca de identidade pelo indivíduo. (HAESBAERT, 2009, p. 37).

A abordagem deste trabalho tem base na concepção de território, enfatizando sua materialidade e suas múltiplas dimensões. Dentro desse debate geográfico, surgiu a importância do território para os grupos excluídos, principalmente as travestis.

A partir disto foi feita uma problematização principal: quais são os espaços territorializados pelas travestis no centro da cidade de Teresina? Este problema levou a outras questões: O que leva o grupo social “travesti” a territorializar espaços no centro da cidade de Teresina? Que motivo levaram as mesmas a essa exploração? Elas se sentem marginalizadas pela sociedade?

Realizou-se um estudo acerca do conceito de território e a sua possibilidade de consolidar-se como uma importante ferramenta de estudo, tendo como principal objetivo identificar os espaços territorializados pelas travestis no centro de Teresina – PI e o porquê das mesmas se fixarem nessas localidades.

Além disso, visamos mapear os espaços territorializados pelas travestis no centro da cidade de Teresina. Identificar o perfil do grupo excluído travestis que territorializam os espaços no centro da cidade. E descobrir elementos que atraem os grupos de travestis a se fixarem no centro da capital.

Este trabalho inicialmente assume característica de pesquisa bibliográfica, pois recorre a material já existente, dando ênfase a livros e artigos científicos. Buscou-se realizar uma revisão da literatura sobre o conceito de território, considerando especialmente as abordagens geográficas sobre o tema.

Posteriormente, realizou-se pesquisa de campo através de entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas cerca de 30 travestis nas ruas do centro da cidade de Teresina-PI, as mesmas foram escolhidas de forma aleatória, foram feitas 05 perguntas a fim de caracterizar o seu perfil e tentar identificar quais foram os reais motivos das escolhas das mesmas por esses locais e porque da escolha da prostituição como um meio de vida, visando compreender e identificar a influência do território da prostituição das travestis em seu processo de transformação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na perspectiva cultural o território é visto fundamentalmente como um produto de apropriação ou identidade social desse espaço. Na política é visto como um espaço de delimitação e controle, onde se exerce um determinado poder sobre esse espaço delimitado. A econômica discute o território como um produto espacial de conflitos entre as classes sociais.

Sabemos que ao longo do tempo o conceito de território é e/ou foi confundido com o conceito de espaço, e alguns autores destacam essas diferenças. Moraes (2000) destaca que enquanto o território se firma como um conceito, o espaço seria uma categoria geral de análise da geografia ou até mesmo do seu objeto. Explica isso quando diz que “do ponto de vista epistemológico, transita-se da categoria espaço ao conceito de território” (P. 17)

Santos (2002, p. 247) afirma que o território é anterior ao espaço geográfico e, portanto a base material. Autores passaram anos discutindo o conceito de espaço e território, porém por volta de 1980, Raffestin, afirmou que:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (RAFFESTIN, 1980, p. 143).

Devemos destacar que a complexidade do conceito de território é tão forte que levou Milton Santos a modificar a sua concepção a respeito ao longo dos anos, especialmente em sua obra *A Natureza do Espaço*. Santos explicita que o seu conceito está bem próximo ao de Raffestin caracterizando o território como algo apropriado socialmente.

Ampliando a discussão encontramos em Haesbaert (2007) a visão de territorialidade onde afirmam que esta, além de incorporar a dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.”

Com isso a territorialidade fica entendida como um comportamento social relacionado à organização do espaço ligado a esferas de influência ou territórios nitidamente diferentes, considerados distintos e exclusivos ao menos parcialmente, por seus ocupantes.

Ainda na perspectiva da territorialidade, Soja (1993), elabora seus argumentos a partir de três elementos: senso de identidade espacial; senso de exclusividade; e compartimentação da interação humana no espaço. Sua função é de manutenção desse território, ou seja, a sua defesa garantindo um equilíbrio da natureza e da sociedade ali englobada.

Segundo Haesbaert (2007) a territorialidade pode ser expressa como materialidade e imaterialidade ou espaço vivido. O conceito de materialidade, como o próprio nome já se refere é o território material e tem como função a delimitação e configuração física do território e a dominação de determinados grupos, destacando-se grupos de exclusão, por esse espaço vivido. Esses grupos excluídos muitas vezes se apoderam de territórios poucos explorados e que possuem o respaldo de limitadas políticas públicas, imprimindo, assim, suas características e culturas àquele local escolhido.

Territorialidade com imaterialidade refere-se ao território simbólico dos indivíduos sendo este material ou imaterial. No caso do imaterial são meras construções do seu imaginário. Já a territorialidade do espaço vivido são as categorias que mesclam a territorialidade com materialidade e imaterialidade.

A materialidade das zonas periféricas esquecidas muitas vezes pelo poder público, são resgatadas pelos grupos excluídos exercendo características culturais nesses espaços vividos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prostituição é um ato social da minoria excluída perante a sociedade, sem oportunidades, sem escolaridade, e muitas das vezes culturalmente, passado de mãe para filhas, porém suas características vêm mudando ao longo dos anos, com leis que protegem seu trabalho.

Uma primeira causa da prostituição como fato social é o excesso de riqueza e miséria; a lubricidade e incontinência são sempre companheiras da opulência e do ócio; a falta de trabalho, a pequena quantia ganha com o trabalho muitas vezes fazem da prostituição um meio de vida. [...] A pobreza é causa da prostituição por causa da imoralidade e falta de consciência dos ricos. [...] São também causa da prostituição: o celibato e a ociosidade dos mancebos descendentes de famílias opulentas e poderosas – são freqüentes os casos de filhas arrancadas das famílias e de jovens mulheres pobres, consideradas pelos ricos como um bem comum a todos seduzidas e abandonadas. A prostituição configura-se então como única saída. As desordens domésticas também, muitas vezes levam mãe e filhas para a prostituição, por terem procurado no amor de um homem a fuga das desgraças familiares causados por um pai de comportamento desregrado e libertino. (MACHADO, 1978, p. 337-8).

O discurso acima relata que a prostituição através das diferenças das classes, onde sabemos que poucos têm muitos e muitos não têm nada. A concentração dessas riquezas nas mãos de poucos, faz com que haja um desequilíbrio social, a população fica ociosa sem trabalho e com isso com fome. Restando as mulheres a única oportunidade de trabalho que seria vender seu único bem, seu corpo, para escapar da fome e da miséria.

Conforme esclarece autor Fenelon (1999) entre os anos de 1930 e 1960 o Piauí era um estado que a maioria da sua população vivia na zona rural, as principais cidades que se destacavam na época eram Floriano com uma população de 9.101 habitantes, Parnaíba com 30.174 e Teresina com aproximadamente 51.418. A capital do Piauí tem seu crescimento populacional devido à economia de cera de carnaúba.

Com uma economia crescente Teresina tem um desenvolvimento rápido, no centro da cidade onde se encontravam templos religiosos, praças, bares, lojas, cinemas, mercados e clubes. As praças têm um significado importante para a população da época, elas produzem historicidades. Os lugares assim se definem, e os não-lugares pela ausência dessas características. As praças como um ponto da cidade, se constituem, com a dinâmica social e temporal, em lugares para alguns e não-lugares para outros (SANTOS, 1994).

Como a capital era jovem, e geograficamente bem posicionada no sertão nordestino, Teresina funcionava como um centro de atração para milhares de imigrantes que aqui procuravam melhores condições de vida e escapar da seca, oriundos principalmente do meionorte (Maranhão e Piauí), e parte do Ceará. Porém ao chegar à capital esses imigrantes não tinham oportunidades, não havia empregos suficientes e com isso a prática de prostituição foi a principal fonte de sobrevivência (NEVES, 2000).

Dornelles (1988) destaca dois tipos de prostituição em Teresina: uma praticada por mulheres casadas, donas de casa, ou moças-donzelas onde essas não tinham um lugar definido, era praticado em todas as partes da capital. A segunda eram prostitutas assumidas que viviam na zona do baixo meretrício, com isso elas tinham o seu lugar (zona) bem definido.

A Rua que se destaca como uma área boêmia e de prostituição em Teresina é a Rua Paissandu, a mesma não se encontrava no centro da capital, mas ligava o porto de Teresina ao centro da cidade, ou seja, era uma das principais vias de acesso. Tem o seu nome inicial de Rua do Pequizeiro e só posteriormente recebe o nome de Paissandu. As ruas próximas a Paissandu constituem uma zona, e com o passar dos anos a palavra Paissandu passou a significar não uma rua, mas um espaço de prostituição em Teresina. A partir de então surge o termo “descer a

Paissandu” ligado a algumas mulheres que ali frequentam ou ali se instalam tornando-se mulheres da vida.

Os cabarés da Paissandu não possuíam grandes estruturas de luxo, como das grandes cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, eram construídos em bares, salões de festas, restaurantes e quartos onde as prostitutas recebiam os seus clientes. Havia uma preocupação em repassar um ambiente romântico, porém a decoração era algo modesto. Os clientes que ali frequentavam tinham a noite para esquecer os problemas, a tristeza não existia. Homens de segmentos sociais diferentes, casados e/ou solteiros, viam a noite como algo sem limites, no interior dos bordéis era regado de muito som, bebidas. Aquele cenário marcaria a memória de muitos daqueles homens, mesmo sem ser um ambiente luxuoso.

O que víamos pelas janelas abertas eram pares dançando; roletas em que os jogadores jogavam; mesas com jogadores de baralho; às vezes no salão havia cantores, mágicos e prestidigitadores. A platéia na rua em expectância. [...] Para os adultos recatados isto era despudor; sem-vergonhice, pecado. Para as crianças e os simples, um espetáculo. A maldade estava em quem a via (MONTEIRO, 1989, p.158).

A cidade de Teresina tem ao longo dos anos seu crescimento, são criados novos bairros: Vermelha, Monte Castelo, Piçarra, Mafuá, Vila Operaria, Matinha entre outros. A partir desses bairros formou-se um cinturão de prostíbulos, ligando assim todas as zonas da cidade, o cenário de pobreza e miséria era visto por todos os lugares. Na Rua Paissandu ainda se encontrava a zona da boêmia, os cabarés eram os melhores as prostitutas mais elegantes e eram frequentados pela elite de Teresina. Nos bairros da periferia os cabarés eram paupérrimos se destacando: Palha de Arroz. Lucaia, Barroco Cajueiros, Planalto da Vermelha e Capelinha de Palha. Alguns deles abertos sem nenhum pudor deixando bem claro que era um ambiente de prostitutas, outros eram mais discretos (MONTEIRO, 1989, p. 159).

Havia também a prostituição de homossexuais, os que faziam sucesso na época eram os afeminados, coxas grossas, cabelos lisos, devendo ter a aparência bem feminina. Podemos apontar que hoje seriam denominados de Travesti.

Em entrevista concedida a Bernardo Pereira de Sá Filho em 12 de Junho de 1988, Antônio Pereira da Silva, nascido em 1934, filho de uma das mulheres da Paissandu descreveu como era a Paissandu na época:

Menino, aqui nessa Paissandu, quando era Paissandu mesmo era cheio de cabaré. Isso aí tudo era cabaré. Onde está esse prédio aí, esse colégio aí era o cabaré Alabama. Eu trabalhava lá também arrumando quarto de muié [...] Ali onde era o Armarinho São Pedro era um hotel de uma muié chamada Dulce, ela já até morreu. E lá tinha um horror de bicha que trabalhava lá, viu? Tinha eu, a Chica Pelada, a Paminu... Acho que ela já até

morreu. Tinha a Marilu, tinha a Feijão. Tudo era travesti sexual, né! E tinha o Riba. Esses tudo já foram embora... Tinha o Benjamim. Era um viado bem bonito, parecia assim uma muié. Tinha assim o cabelo bem estirado, aquelas partes... As coxas dessa grossura pareciam assim uma muié. [...] Esses travesti tudinho meus colega. Lá, era cheio de hospedes, aquele pessoal de Picos que traziam aquele horror de alho e cebola pra vender. Eles chegavam lá no domingo e enchia o hotel. Quando era segunda-feira era tudo cheio. Os travestis ficavam na porta do hotel conversando de noite mais os homem; os amigos deles, né! Rapaz, eles saiam transavam; outros transavam mesmo dentro do hotel; tinha deles que tinha o quarto dentro do hotel. A dona do hotel não se importava não, não tava nem aí.

Nesse trecho da entrevista do senhor Antônio podemos perceber que naquela época já existia a comunidade travesti na Paissandu, e elas se destacavam perante as meretrizes mais feias, e eram procuradas principalmente por viajantes oriundos do Meio - Norte e do estado do Ceará. Os homossexuais tinham a facilidade de se aproximar dos hóspedes se tornando amigos e futuros clientes tinham acesso livre ao roll e aos restaurantes.

Os homossexuais começaram a sair na noite nas proximidades da Praça Saraiva e com o passar dos anos se espalharam por todo o território de prostituição de Teresina. Os homens estavam em menor quantidade, porém já começavam assim uma territorialidade dos pontos até os dias atuais.

A história da homossexualidade, a partir do século XIX é marcada por lutas e intolerância. Eram vistos como pessoas doentes, e sujeitas a punições. No Brasil não era diferente segundo Trevisan (2000) e Green (2000) “a perseguição aos homossexuais eram grande, porém quem mais sofria eram os mais afeminados e aqueles que se vestiam de mulher “travesti”. As travestis sempre foram as mais afetadas no grupo LGBT, a sociedade por preconceito exclui as travestis do cenário acadêmico, da comunidade.

Não é difícil imaginar a violência contra esse grupo de pessoas excluídas, sendo travestis e ao mesmo tempo garotas de programas simultaneamente passaram a ser vítimas dos próprios agentes da ordem. Spagnol (2001) afirma que “boa parte dos abusos sofridos pelas travestis foram causados por policiais, a transfobia era algo comum e praticado por aqueles que deveriam proteger”. As mesmas não têm proteção perante aqueles que deveriam em primeira mão ajudar, pelo simples fato da sua orientação sexual e de gênero.

Ao longo das últimas décadas a sociedade brasileira vem convivendo com o aumento da violência e da criminalidade e, nesse contexto, surgiu um elemento novo, o assassinato de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros (LGBT). Indivíduos pertencentes a um seguimento social estigmatizado passaram a figurar entre vítimas de crimes brutais e recorrentes. (OLIVEIRA, 2012, pag.15).

O monitoramento da rede nacional de pessoas trans do Brasil (Rede Trans Brasil) levantou um dado assustador, somente no ano de 2017 cerca de 25 travestis foram brutalmente assassinadas em todo o Brasil.

Segundo dados fornecidos pelos Grupo Gay da Bahia (GGB), a associação mais antiga em defesa dos homossexuais e travestis do Brasil, afirmou que no ano de 2016 foram assassinados no território nacional 347 pessoas LGBT.

Nunca foram mortos tantos gays no território brasileiro, segundo a GGB o ano de 2016 foi o ano que mais morreu LGBT, e o mesmo aponta que dos 343 vítimas cerca de 42% foram as travestis aproximadamente 144 vítimas. O estado de São Paulo é o que mais mata travesti, a GGB afirma que as travestis tem 14 vezes maior de chance de serem assassinadas em relação a um gay, primeiramente pelo preconceito e também por trabalharem a noite, sozinhas, aumenta o risco de sofrer algum tipo de violência.

A comunidade LGBT a anos vem lutando por direitos e deveres e políticas públicas capazes de amparar a comunidade, tendo em vista os números alarmantes de crimes. Existia um projeto de lei em tramitação na câmara dos deputados a PLC 122/06, o texto afirmava crime resultante de atos de preconceito de gêneros e orientação sexual, porém sofreu críticas e a bancada dos conservadores composta por parlamentares religiosos conseguiram arquivado projeto no ano de 2014.

Quatro anos depois o Supremo Tribunal Federal-STF debateu a criminalização da homofobia, o presidente do STF Dias Toffoli suspendeu por tempo indeterminado o processo, justificando que outros 32 processos deixaram de ser julgados enquanto se discutia a transfobia e que o STF deveria reorganizar a pauta e só então continuaria a discussão. Novamente o processo “foi para a gaveta”.

Na maioria das vezes a travesti se “descobre” muito nova por volta dos 10 a 12 anos, e por ser diferente dos demais meninos o preconceito acontece onde se deveria ajudar, nas escolas. Os profissionais da educação não estão preparados, à falta de informação a aceitação dos colegas de classe, a violência física e psicológica intencional e repetitiva faz com que a travesti desista da sua formação acadêmica, interrompendo a escolaridade antes mesmo de terminar o ensino fundamental, são poucas que chegam ao ensino médio e são raras as que conseguem chegar ao ensino superior.

Em entrevista realizada com uma travesti Lexia Kamília, o *bullying* sofrido pelas travestis na escola não vem somente dos alunos, mas sim de toda a estrutura da escola, porteiro, merendeira,

faxineira e professores. Não há uma ajuda psicológica a essas pessoas, elas não têm ajuda da família e muito menos da instituição de ensino. Lexia afirma que muitos dos seus professores tiravam “piadinhas” por conta da sua fala e do seu jeito de expressar. Imaginamos se o professor o principal indutor de respeito de uma instituição de ensino não tem o princípio de ajudar ou de respeitar um aluno que está se descobrindo ou se transformando os alunos vendo essas cenas de preconceito por parte do profissional não conseguem respeitar também.

Segundo Danie Marcelo de Jesus, professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e pesquisador das questões de gênero, a população frequentemente cria estigma e encaminha as travestis e transexuais para a prostituição. “Sem dúvida é um problema histórico. Boa parte dessas pessoas vão para este ramo porque é lá que encontram o único meio de trabalho e sobrevivência”, afirmou.

Sem família e sem educação a travesti está sozinha em uma sociedade patriarcal e preconceituosa, a falta de oportunidade e principalmente a não qualificação das mesmas, a levam para o único emprego possível, o trabalho noturno, o dinheiro “fácil” são os impulsores para a permanência das mesmas nesse ramo.

A pesquisa realizada junto à comunidade Travesti a qual foi realizada especificamente para este estudo, onde foi abordado através de entrevistas e questionários direta e também via rede social Whatsapp, utilizando do Goggle Docs para melhor facilitar a tabulação dos dados, aplicados entre os dias 04 até 14 de julho do ano 2017; foram aplicados 30 questionários no centro de Teresina com o intuito de diagnosticar um perfil das travestis no município. O formulário foi aplicado pelas redes sociais, e em campo com as travestis que se julgaram garotas de programa e que espontaneamente se disponibilizaram responder a está pesquisa.

A zona de estudo foi o centro da cidade de Teresina, especificamente as avenidas: Frei Serafim, Avenida Miguel Rosa, Praça João Luiz Ferreira, Rua Goiás, Rua Vinte e Quatro de Janeiro e Rua Coelho Rodrigues, as entrevistadas responderam 05 perguntas na tentativa de caracterizar os perfis, identificar os reais motivos da escolha dos locais no centro da cidade e da prostituição como um meio de vida.



Figura 1 Zona de Prostituição das Travesti no Centro de Teresina. Imagem do Google Maps.

A primeira pergunta do questionário foi em relação à idade das entrevistadas, as que responderam que possuem de 12 à 17 anos, correspondendo a 13,3% das respostas. 12 delas possuem entre 18 à 23 anos correspondendo a 40%. 12 delas têm de 24 à 29 anos, correspondendo a 40%. Somente 2 pessoas responderam que possuem acima de 36 anos correspondendo a 6,7%. Com esses dados podemos inferir que as travestis na sua maioria são jovens entre 18 e 29 anos, que corresponde a 80% do grupo de entrevistadas. O gráfico 1, afirma a idade das entrevistadas:

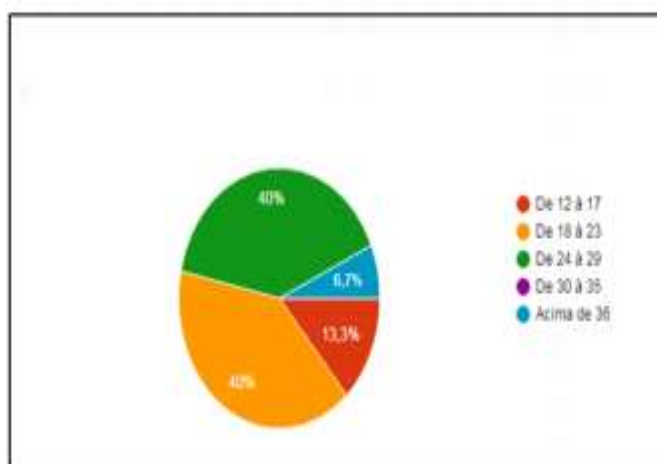


Gráfico 1 – Idade das entrevistadas. Fonte: Thiago Araújo.

Investigando sobre o nível de escolaridade foi possível encontrar níveis bastante variados, onde a pesquisa nos afirma que 16 pessoas possuem o ensino médio completo, em uma porcentagem de 53,3%. 6 pessoas afirmaram que possuem o ensino fundamental completo e

incompleto correspondendo assim 20% do total. 13,3% das entrevistadas chegaram ao ensino superior, porém não concluíram. E somente 13,3% terminaram o ensino superior. Podemos afirmar que 86,6% dos entrevistados afirmam que não possuem o ensino completo, segundo elas a saída da escola se deu por preconceitos sofridos em sala de aula por alunos e até mesmo pelos próprios professores e funcionários.

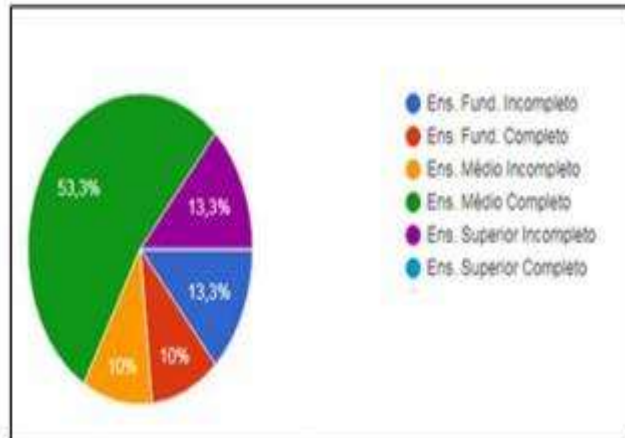


Gráfico 2 - Nível de Escolaridade das Travestis. Fonte: Thiago Araújo.

Perguntadas sobre os motivos que levaram a profissão, assim se posicionaram de formas variadas, porem 100% responderam que estão na profissão pro falta de oportunidade e necessidade, assim como por possuírem uma baixa escolaridade e por saírem muito cedo das suas casas (devido à discriminação sofrida em casa) as travestis de Teresina encontram nas ruas a única oportunidade de sobrevivência.

A quarta pergunta foi referente há quanto tempo estão no mercado de trabalho a resposta foi:

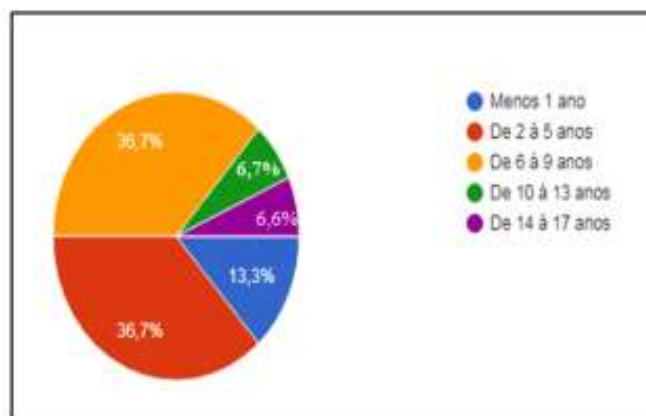


Gráfico 3 - Tempo das travestis no mercado de trabalho. Fonte: Thiago Araújo

A quarta pergunta foi referente há quanto tempo estão no mercado de trabalho a resposta foi: por volta de 2 a 9 anos, correspondendo um total de 73,4% das entrevistadas no total de 22 pessoas. 13,3% das entrevistadas afirmaram que estão no ramo por volta de 18 anos. Com isso podemos afirmar que a maioria das entrevistadas entra na profissão muito nova pelo tempo de trabalho existente de cada uma.

A quinta pergunta é referente ao local de trabalho 100% correspondem a 30 entrevistadas afirmaram que a escolha do local foi baseado pela movimentação de pessoas que ali trafegam ao longo da noite. Historicamente as zonas do meretrício de Teresina nos anos 1960 até os dias atuais pouco tiveram modificação, os territórios ocupados elas travestis continuaram praticamente os mesmos nesses 58 anos.

Os territórios escolhidos pelas travestis no centro de Teresina têm como característica peculiar a pouca movimentação de carros familiares nos horários que as mesmas se encontram no local, há uma pequena circulação de pessoas saindo do trabalho e passando por esses locais, tendo assim uma visibilidade dos seus clientes. As travestis se apropriam de um determinado espaço do centro urbano por um determinado tempo, elas conseguem impor condutas consensuais no grupo, e dessa forma, instituem os territórios da prostituição travesti. Para Sousa (2002) o território é constituído na delimitação e apropriação do espaço.

A apropriação desse território por esse grupo de pessoas se dá pela falta de oportunidade que a sociedade as rouba desde muito cedo como consequência da discriminação e preconceito e a prostituição se dá como único meio de sobrevivência.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho trouxe como proposta fomentar a reflexão sobre a relação entre território e prostituição das travestis do centro da cidade de Teresina. Nesta relação o território, constitui-se como um dos elementos, tanto relacionado ao aprendizado do comportamento, forjando um indivíduo que não deve ser ingênuo, mas sim corajoso, perante a sociedade. Foi observado nesse trabalho que a prostituição tornou-se, por motivos históricos, um elemento definidor da identidade das travestis. Nesse sentido, consideramos que esta identidade ultrapassou o campo das identidades sexuais ou de gênero, se tornando também uma identidade profissional. É evidente que não podemos reificar a associação entre travestis e prostituição, mas ao mesmo tempo não

podemos deixar de considerar que a ocupação deste campo de trabalho pelas travestis por falta de oportunidades acabou por ter consequências importantes sobre sua constituição identitária.

O ser travesti é lutar a cada dia por respeito, e por políticas públicas que assegurem o seu trabalho, e a sua pessoa. Elas estão á margem de uma sociedade que não vê as mesmas como pessoas, e sim como objetos sexuais.

Foi possível com esse trabalho compreender os reais motivos que levaram as travestis a prostituição, e montar um perfil com as suas características que são: 80% tem idade de 18 à 19 anos, 53% possui apenas o ensino médio completo, 80% estão nessa profissão por falta de oportunidade e necessidade, 73,4% se encontram nessa profissão por volta de 2 à 9 anos, e 100% afirmaram que escolheram esses locais pela quantidade de pessoas que passam nas avenidas ao longo da noite.

Os territórios escolhidos por elas têm uma característica comum, são grandes avenidas, com uma movimentação constante de pessoas durante a noite, facilitando a visualização das mesmas no decorrer das avenidas. As travestis se apropriam de um determinado espaço do centro urbano por um determinado tempo, elas conseguem impor condutas consensuais no grupo, e dessa forma, instituem os territórios da prostituição travesti. Para Sousa (2002) o território é constituído na delimitação e apropriação do espaço. A apropriação desse território por esse grupo de pessoas se dá pela falta de poder do estado, nessa área e uma formação cultural imposta por esse grupo ao longo da sua história.

REFERÊNCIAS

HAESBART, R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" a multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBART, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, ano IX, n.17, p.19-46, 2007.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro, Editora Fiocruz: 2008.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, M. P. dos; PAULINO, M. M. **Inclusão em Educação: culturas, políticas e práticas.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola.** 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ouro Preto, MG: UFOP, 2013

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L.; (orgs.). **Território: globalização e fragmentação.** São Paulo: HUCITEC, Anpur: 1994.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SILVA, Hélio R. S. **Travestis: entre o espelho e a rua.** Rio de Janeiro, Rocco: 2007.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1993.